extremos
34° Encontro Nacional anpap FURG Rio Grande/RS

IMAGENS EM DISPUTA: PRODUÇÃO DE SENTIDOS E PRÁTICAS FORMATIVAS SITUADAS

IMAGES IN DISPUTE: MEANING PRODUCTION AND SITUATED FORMATIVE PRACTICES

Hertha Tatiely Silva[1]
Universidade Federal do Tocantins
Associado/a/e ANPAP:
sim

RESUMO
O artigo analisa o trabalho com imagens como prática cultural situada, implicada na produção de sentidos e nas disputas simbólicas que atravessam processos formativos. A partir dos estudos da cultura visual, discute-se como as imagens não apenas representam, mas participam da constituição de modos de ver, narrar e habitar o mundo, atravessados por relações de poder e historicidade. Problematizam-se enquadramentos estereotipados sobre os quilombos e enfatiza-se a importância de abordagens experienciais e inventivas, que reconheçam as imagens em sua potência formativa e na construção de narrativas ancoradas em vivências concretas. Defende-se uma prática educativa aberta à escuta, à criação compartilhada e ao reconhecimento de saberes, modos de existência, visualidades e narrativas historicamente subordinados nos regimes de representação e visibilidade.

Palavras-Chave: Imagens; Cultura visual; Abordagens experienciais e inventivas; Produção de sentidos.

ABSTRACT
This article analyzes the work with images as a situated cultural practice, embedded in meaning production and symbolic disputes within formative processes. Based on visual culture studies, it discusses how images not only represent but also actively participate in the constitution of ways of seeing, narrating, and inhabiting the world, traversed by power relations and historicity. Stereotyped framings of quilombos are problematized, and the importance of experiential and inventive approaches is emphasized, recognizing the formative potential of images and the construction of narratives rooted in concrete lived experiences. An educational practice open to listening, shared creation, and the recognition of knowledge, modes of existence, visualities, and narratives historically subordinated within regimes of representation and visibility is advocated.

KEYWORDS**:** *Images; Visual culture;Experiential and inventive approaches; Meaning production.*

Imagens em disputa

As imagens fazem parte do nosso dia a dia e influenciam profundamente nossa relação com o mundo, com as pessoas e com as narrativas que nos cercam. Elas não apenas representam algo: contribuem para a produção de sentidos, orientam modos de ver e influenciam como nos relacionamos com o que representam. As imagens são produzidas com intencionalidades: carregam escolhas, enquadramentos e sentidos que refletem interesses, contextos e disputas. De modo que olhar uma imagem nunca é um ato desinteressado. Sempre interpretamos o que vemos, e essa interpretação é atravessada por nossas vivências, valores, saberes e pelas posições sociais que ocupamos — mesmo que nem sempre estejamos plenamente conscientes disso.

Como discutem os estudos da cultura visual, as imagens não são apenas objetos a serem observados; elas participam ativamente da produção de sentidos e significados. Nesse movimento, atravessam e mediam relações sociais e culturais, influenciando como culturas, territórios e experiências são representados, reconhecidos ou desconsiderados. Podem afirmar saberes, dar visibilidade a trajetórias, fortalecer identidades, abrir novas formas de narrar o mundo, criar sentidos próprios e ampliar as possibilidades de expressão e reconhecimento das experiências vividas. Ao mesmo tempo, carregam também a possibilidade de reforçar leituras limitadas e estereotipadas, sustentando representações que reduzem ou simplificam a complexidade das realidades que pretendem representar.

Esta reflexão ganha contornos ainda mais significativos no contexto das diversas modalidades de educação que permeiam as comunidades rurais e tradicionais, como a Educação Escolar Quilombola e a Educação do Campo, onde as imagens, em suas diversas formas de circulação e presença, são indissociáveis das disputas por visibilidade, das memórias coletivas, das construções de identidade e das afirmações de modos de vida. Nesses contextos, o trabalho com as imagens não pode ser

apartado das dinâmicas culturais e territoriais em constante transformação — permeadas por negociações, tensões, continuidades e reinvenções. Torna-se essencial, portanto, cultivar uma atenção crítica e sensível às imagens e aos sentidos que elas mobilizam nos contextos nos quais se inserem e circulam. Este olhar requer abordagens que não apenas reconheçam a presença das imagens, mas que se abram ao processo de escuta, à reflexão crítica e ao reconhecimento das múltiplas realidades vividas pelos sujeitos das diversas modalidades de educação.

As imagens podem ecoar determinadas leituras da realidade, provocar reflexões e, em certos contextos, também reforçar visões limitadoras — tudo depende dos olhares, das relações e dos sentidos que se constroem ao seu redor. Compreender como esses sentidos são construídos — e como influenciam o que vemos, valorizamos ou desconsideramos — é essencial para refletir sobre o papel das imagens na educação, especialmente quando se trata de formar olhares atentos aos modos como imagens circulam, são interpretadas e ganham sentidos nas práticas cotidianas.

Como nos lembra Nicholas Mirzoeff (2003, p. 91), olhar nunca é um ato inocente. Olhar não é apenas captar o que está diante dos olhos — é também interpretar, lembrar, sentir. Cada olhar carrega consigo uma bagagem: de histórias vividas, memórias coletivas, afetos e formas de estar no mundo. O olhar é sempre situado; parte do chão que pisamos, das experiências que nos atravessam e das narrativas que nos constituem. Nesse sentido, como propõe Donna Haraway (1995), não existe olhar neutro ou universal — todo ato de ver é encarnado, parcial e atravessado por relações de poder. Ver, portanto, é também se posicionar: afirmar perspectivas, tensionar sentidos e participar ativamente das disputas que envolvem as imagens e dos modos como elas representam o mundo.

O ato de olhar não é algo neutro ou puramente individual. Ele é influenciado por nossas vivências, por nossa formação, pelos lugares sociais que ocupamos e também pelas desigualdades que atravessam a sociedade — como as de classe, de gênero e

os processos de racialização que organizam a vida social e criam hierarquias entre as pessoas. Esses processos muitas vezes operam de forma sutil, por meio de imagens e discursos que naturalizam exclusões ou impõem formas limitadas de ver e entender o mundo.

Isso fica muito evidente quando pensamos nas imagens que, historicamente, foram (e muitas vezes ainda são) produzidas sobre os quilombos — entendidos aqui tanto como espaços de resistência quanto como formas de vida — e sobre as comunidades quilombolas, que hoje mantêm vivos esses modos de existência. Muitas vezes são representados de forma fragmentada, reduzidos a certos estereótipos que reforçam visões de inferiorização, exotização ou romantização. Isso acontece, por exemplo, quando as imagens associam as comunidades quilombolas exclusivamente à ideia de passado, de isolamento ou de carência, ignorando suas dinâmicas atuais, suas lutas, saberes e potências. Nesses casos, não se trata de um apagamento total, mas de uma presença controlada, onde certos aspectos são destacados enquanto outros são omitidos.

É o que analisa Cardoso (2010), ao mostrar como, muitas vezes, imagens construídas por olhares externos reforçam estereótipos que associam as comunidades quilombolas a grupos isolados, empobrecidos e distantes da vida contemporânea. O autor chama a atenção, por exemplo, para fotografias divulgadas por órgãos públicos que mostram apenas casas de barro, ruas de chão batido, pessoas com expressões de tristeza, quase sempre enquadradas em cenários que acentuam a precariedade material, como se essa fosse a única realidade possível[2]. São imagens que desconsideram a diversidade das formas de vida quilombola e ignoram as potências, as alegrias, as redes de solidariedade e os saberes presentes nesses territórios.

Esses enquadramentos visuais não são casuais. Como discute Grada Kilomba (2020, p. 50), os modos de olhar definem quais histórias podem ganhar visibilidade e quais permanecem em posições secundárias, distorcidas ou descartadas. Muitas vezes,

esse movimento opera sob o disfarce de neutralidade ou sob ideias de universalidade que, na prática, sustentam as narrativas dominantes. Reconhecer esse funcionamento nos permite tensionar esses enquadramentos e afirmar outras formas de narrar e produzir sentidos, especialmente aquelas enraizadas nas experiências concretas de pessoas cujas histórias, por muito tempo, foram silenciadas ou desconsideradas.

As imagens não são retratos neutros da realidade, mas construções simbólicas que ajudam a produzir sentidos sobre o mundo, sobre as pessoas e sobre os modos de vida. Ao adotar essa perspectiva, somos convidados a olhar não apenas para o que a imagem mostra, mas também para como ela constrói essa representação, para quem ela fala e com quais interesses.

Sabemos, a partir do diálogo e da escuta atenta às comunidades, que os quilombos são territórios de vida, de saberes, de luta, de memória e de futuro. Por isso, é preciso aprender a olhar criticamente para essas imagens — questionar, desconstruir e compreender o que mostram e, sobretudo, o que escolhem não mostrar. E, nesse mesmo movimento, fortalecer processos pedagógicos que valorizem as imagens produzidas pelas próprias comunidades, que expressem suas histórias, suas potências e seus modos de existir e resistir no mundo.

Experiência e invenção de sentidos no trabalho com imagens

O trabalho com imagens em territórios rurais e tradicionais demanda reconhecê-las como práticas vivas de memória, pertencimento e agência cultural. Longe de constituírem objetos neutros, as imagens são entendidas como práticas sociais culturalmente instituídas (MARTINS, 2010, p. 2405), atravessadas por relações de poder, modos de existência e processos de produção de sentidos (MIRZOEFF, 2003, p. 24).

Nesse horizonte, a abordagem experiencial e inventiva configura uma proposta pedagógica e metodológica que articula experiência e invenção como dimensões indissociáveis. Com base na concepção de cognição como potência inventiva (KASTRUP, 2005, p. 1277), a aprendizagem é compreendida como produção de subjetividades e criação de sentidos que emergem dos encontros entre sujeitos e seus mundos. Nesse campo, a experiência estética assume um papel central, constituindo um campo sensível de relação com objetos, lugares, condições de existência e os próprios processos formativos (MARTINS; PICOSQUE, 2012, p. 35).

A partir dessa perspectiva, o trabalho com imagens desloca o olhar de análises centradas em cânones e modelos preestabelecidos para um campo de experimentação formativa, no qual a criação de sentidos se dá de forma situada e encarnada (HARAWAY, 1995, p. 24). Formar-se é um processo de deixar-se afetar, de dobrar-se sobre si mesmo e de inventar modos próprios de existir e narrar o mundo (SILVA, 2023, p. 103). Nesse movimento, as imagens produzidas nos próprios contextos socioculturais tornam-se dispositivos formativos que expressam modos de vida, memórias e resistências, participando da tessitura de saberes e narrativas ancoradas nas histórias e nas experiências que as constituem.

Essa perspectiva também desafia as normatividades do campo artístico e formativo, permitindo reconhecer múltiplas formas de saber-fazer visual, muitas vezes pouco reconhecidas ou valorizadas pelas tradições dominantes de produção artística e educacional. Nos contextos escolares, essa abordagem favorece práticas pedagógicas que incorporam as visualidades cotidianas — como os festejos, os artefatos, os registros fotográficos familiares — como campos legítimos de invenção pedagógica e artística.

Assim, ao valorizar a experiência situada e a invenção de sentidos, a abordagem inventiva afirma o trabalho pedagógico com imagens como um campo de criação

compartilhada, no qual os processos educativos se constituem como práticas abertas, sensíveis e implicadas nos modos diversos de habitar, narrar e experienciar o mundo.

Considerações finais

Ao longo deste percurso, procurei refletir sobre o trabalho com imagens como um campo vivo de produção de sentidos, no qual o olhar não apenas capta, mas participa ativamente das disputas que atravessam os modos de existir e de narrar o mundo. As imagens, compreendidas como práticas sociais e culturais, mostram-se implicadas em processos históricos, afetivos e políticos, que atravessam as experiências cotidianas e produzem significados situados.

Nesse movimento, defendo a importância de abordagens experienciais e inventivas, que reconheçam as imagens em sua potência formativa e na complexidade de sentidos que mobilizam. Trata-se de afirmar o trabalho com imagens não como um exercício de mera representação, mas como espaço de criação, escuta e invenção de narrativas que emergem das múltiplas formas de habitar e de dar sentido ao mundo. Nesse horizonte, vejo a educação — em suas diversas modalidades e práticas — como espaço ético e implicado, atento às tensões, aos atravessamentos e às possibilidades que se abrem no encontro com as imagens e com aqueles que as produzem, circulam e reatualizam cotidianamente.

Referências:

CARDOSO, Luís Fernando. Sobre imagens e quilombos: notas a respeito da construção da percepção acerca das comunidades quilombolas. **Instrumento:** Revista de Estudos e Pesquisas em Educação, Juiz de Fora, v. 12, n. 1, p. 11-20, jan./jun. 2010.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos pagu**, n. 5, p. 7-41, 1995.

KASTRUP, Virgínia. Políticas cognitivas na formação do professor e o problema do devir-mestre. **Educação & Sociedade**, v. 26, n. 93, p. 1273-1288, 2005.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. **Mediação Cultural para professores andarilhos na cultura**. 2° ed. São Paulo: Intermeios, 2012.

MARTINS, Raimundo. Aconchegos entre arte e imagem, cultura e ensino. In: Encontro Nacional Da Associação Nacional De Pesquisadores Em Artes Plásticas (ANPAP), 19., 2010, Bahia. **Anais** [...]. Bahia: ANPAP, 2010. p. 2405-2416.

MIRZOEFF, Nicholas. **Una introducción a la cultura visual**. Barcelona: Paidós, 2003.

SILVA, Hertha. Inventar sentidos: formação docente em artes visuais na LEdoC-UFT. 2023. 196 f. **Tese** (Doutorado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2023.

[1] Doutora em Arte e Cultura Visual (PPGACV/UFG, 2023), Mestra em Comunicação (PPGCOM/UFG, 2015), Especialização em História Cultural (PPGH/UFG, 2012), graduação em Artes Visuais (FAV/UFG, 2015). Professora na Universidade Federal do Tocantins no Curso de Educação do Campo. E-mail: hertha@uft.edu.br. Lattes: http://lattes.cnpq.br/3424056239778682. Orcid: https://orcid.org/0000-0003-4775-4080.

[2] Um exemplo são campanhas do INCRA e da SEPPIR, principalmente no início dos anos 2000, que traziam frequentemente imagens que reforçavam o quilombo como sinônimo de pobreza e atraso, apagando as potências e a diversidade dos modos de viver.